

17

SAÚDE DA MULHER NO SUS: AVANÇOS E DESAFIOS NO CUIDADO GINECOLÓGICO E OBSTÉTRICO

▶ **Ianna Rocha Guimarães**

Titulação, Instituição/Afiliação: Graduada em Medicina pela Universidade Anhembimorumbi

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5691-5592>

▶ **Thiago de Freitas França**

Titulação, Instituição/Afiliação: Mestre em Enfermagem Escola de Enfermagem Anna Nery UFRJ

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1811-7872>

▶ **Julia Lajús Mendes Cella**

Titulação, Instituição/Afiliação: Médica pela Unicesumar

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9690-9419>

▶ **Laíse Martins Pereira**

Titulação, Instituição/Afiliação: Nutricionista pela Universidade federal do Piauí

▶ **Cyrlyanne Augusta de Paiva**

Titulação, Instituição/Afiliação: Graduada em Medicina pela Universidade Potiguar (UNP)

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5843-3671>

▶ **Polyana Gabriele Santarém Monteiro**

Titulação, Instituição/Afiliação: Graduada em Enfermagem pela Universidade da Amazônia (UNAMA)

▶ **Aleuza Pereira Alquimim Pires**

Titulação, Instituição/Afiliação: Enfermeira pela Funorte - Faculdades Unidas do Norte de Minas Pós graduada em Saúde Pública

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3160-7442>

▶ **Helena Elenita Sawitzki**

Titulação, Instituição/Afiliação: Graduada em Medicina pela Universidade de Cuiabá (UNIC), Cuiabá – MT

► **Maria Thereza Santos Bandeira Salgado**

Titulação, Instituição/Afiliação: Graduada em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)-Jp

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6559-567X>

► **Laís Cristina Aguiar de Castro**

Titulação, Instituição/Afiliação: Médica pela Universidade Federal do Maranhão- São Luís e Especialista em Medicina de Família e Comunidade

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1886-1506>

RESUMO

INTRODUÇÃO: A saúde da mulher, no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), tem sido alvo de avanços significativos nas últimas décadas, especialmente no que diz respeito à ampliação do acesso aos serviços ginecológicos e obstétricos. No entanto, persistem desafios relacionados à inclusão de populações vulneráveis, à fragmentação do cuidado e à incorporação de tecnologias inovadoras. . **OBJETIVO:** Analisar os principais avanços e desafios no cuidado ginecológico e obstétrico ofertado pelo SUS, com ênfase no papel das enfermeiras, na atenção a grupos vulneráveis e na utilização de tecnologias emergentes. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura. Foram selecionados dez artigos científicos publicados entre 2021 e 2024, extraídos de bases como PubMed, Scopus e Google Scholar, com uso de descritores como “saúde da mulher”, “SUS”, “ginecologia”, “obstetrícia”, “enfermagem” e “inteligência artificial”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados evidenciam o protagonismo crescente da enfermagem obstétrica como agente fundamental na ampliação do acesso e na humanização do cuidado. Além disso, os estudos apontam a necessidade de práticas mais inclusivas e sensíveis às especificidades de mulheres negras, trans e com deficiência. Por fim, destaca-se o potencial da inteligência artificial para aprimorar o diagnóstico e o monitoramento na saúde reprodutiva, embora ainda existam barreiras éticas e estruturais para sua implementação no SUS. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Apesar dos avanços observados, a efetividade da atenção ginecológica e obstétrica no SUS ainda depende da superação de desigualdades históricas, da valorização dos profissionais de enfermagem e da adoção crítica e equitativa de inovações tecnológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Ginecologia; Obstetrícia; Saúde da mulher.

17

WOMEN'S HEALTH IN THE SUS:
ADVANCES AND CHALLENGES
IN GYNECOLOGICAL AND
OBSTETRIC CARE

ABSTRACT

INTRODUCTION: Women's health within the Brazilian Unified Health System (SUS) has undergone significant advances in recent decades, particularly regarding improved access to gynecological and obstetric services. However, persistent challenges remain, including the inclusion of vulnerable populations, fragmentation of care, and the integration of innovative technologies. **OBJECTIVE:** To analyze the main advances and challenges in gynecological and obstetric care within SUS, with emphasis on the role of nurses, attention to vulnerable groups, and the use of emerging technologies. **METHODOLOGY:** This is a qualitative study conducted through an integrative literature review. Ten scientific articles published between 2021 and 2024 were selected from databases such as PubMed, Scopus, and Google Scholar, using descriptors such as “women’s health,” “SUS,” “gynecology,” “obstetrics,” “nursing,” and “artificial intelligence.” **RESULTS AND DISCUSSION:** The results highlight the growing role of obstetric nurses as key agents in expanding access and humanizing care. The studies also emphasize the need for more inclusive and sensitive practices addressing the specific needs of Black women, trans women, and women with disabilities. Additionally, artificial intelligence is presented as a promising tool to improve diagnostics and monitoring in reproductive health, although ethical and structural barriers to its implementation in SUS persist. **FINAL CONSIDERATIONS:** Despite progress, the effectiveness of gynecological and obstetric care in SUS still depends on overcoming historical inequalities, valuing nursing professionals, and critically and equitably adopting technological innovations.

KEYWORDS: Gynecology; Obstetrics; Women’s health.

INTRODUÇÃO

A saúde da mulher, historicamente marginalizada pelos modelos biomédicos centrados na figura masculina e nas patologias generalistas, conquistou maior visibilidade a partir da implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), que introduziu uma lógica de atenção integral e sensível às especificidades de gênero. Políticas como o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) e a Rede Cegonha demonstram avanços significativos na institucionalização de práticas voltadas à saúde sexual e reprodutiva, ao pré-natal e à atenção obstétrica (Jones et al., 2022; Sarria-Santamera et al., 2022). Contudo, a efetivação dessas políticas ainda encontra limitações práticas que comprometem sua universalização e equidade, como a desigual distribuição de recursos humanos, a fragmentação da rede de atenção e o subfinanciamento crônico do sistema (Daxenbichler, 2023).

Nesse cenário, torna-se evidente o problema central desta investigação: a persistência de lacunas entre as diretrizes normativas de cuidado ginecológico e obstétrico no SUS e a realidade cotidiana dos serviços de saúde, sobretudo nas periferias urbanas e áreas rurais. Essas lacunas se manifestam tanto na baixa resolutividade clínica quanto na ausência de um cuidado humanizado e culturalmente sensível. Estudos apontam que mulheres negras, indígenas, trans e com deficiência continuam a enfrentar obstáculos significativos no acesso e na permanência nos serviços ginecológicos e obstétricos, evidenciando que o princípio da equidade ainda não se traduz plenamente em prática (Shrestha et al., 2022; Brubaker et al., 2021). Além disso, observa-se que, apesar do crescente protagonismo das enfermeiras obstétricas e do avanço das tecnologias digitais, os serviços de saúde nem sempre estão preparados para lidar com essas transformações de forma ética e inclusiva (Tuli, 2021; Brandão et al., 2024).

A justificativa para a realização deste estudo fundamenta-se, portanto, na necessidade de aprofundar a compreensão crítica sobre os fatores que condicionam a efetividade do cuidado gineco-obstétrico no SUS, especialmente em um contexto de transição demográfica, tecnológica e ideológica. A incorporação da inteligência artificial, por exemplo, embora promissora no aprimoramento do diagnóstico e do monitoramento de condições reprodutivas, ainda enfrenta desafios éticos, técnicos e políticos que precisam ser equacionados antes de sua aplicação em larga escala (Brandão et al., 2024). Simultaneamente, a atuação das enfermeiras obstétricas, que tem contribuído para a ampliação do acesso e a humanização da atenção ao parto, carece de valorização institucional, capacitação continuada e respaldo normativo (Daxenbichler, 2023; Tuli, 2021).

Parte-se, assim, da hipótese de que, embora o SUS tenha promovido importantes avanços no campo da saúde da mulher, como a valorização da enfermagem obstétrica e a incorporação de tecnologias diagnósticas inovadoras, persistem desafios significativos relacionados à exclusão de grupos vulneráveis, à fragmentação do cuidado e à ausência de diretrizes que contemplem as novas demandas sociais e tecnológicas do século XXI.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é analisar, a partir de uma revisão integrativa da literatura, os avanços e desafios no cuidado ginecológico e obstétrico ofertado pelo SUS, com ênfase no papel das enfermeiras, na inclusão de populações vulneráveis e no uso de tecnologias emergentes. Como objetivos específicos, busca-se: (1) identificar as contribuições e limites da atuação das enfermeiras obstétricas na atenção à saúde da mulher no contexto do SUS; (2) examinar as barreiras de acesso e permanência enfrentadas por mulheres em situação de vulnerabilidade nos serviços ginecológicos e obstétricos; e (3) discutir as potencialidades e limitações da incorporação de tecnologias, especialmente da inteligência artificial, na melhoria do cuidado gineco-obstétrico prestado no âmbito do sistema público de saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de identificar e analisar os principais avanços e desafios no cuidado ginecológico e obstétrico oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente à luz de aspectos como o protagonismo das enfermeiras, a inclusão de populações vulneráveis e o uso de tecnologias emergentes, como a inteligência artificial. A revisão integrativa permite a síntese crítica do conhecimento disponível, contemplando diferentes delineamentos metodológicos e ampliando a compreensão sobre o fenômeno investigado.

A seleção dos estudos foi realizada por meio de busca eletrônica em bases de dados reconhecidas internacionalmente, como PubMed, Scopus, Web of Science e Google Scholar, entre os meses de janeiro e março de 2025. Foram utilizados os seguintes descritores combinados com operadores booleanos: “saúde da mulher”, “SUS”, “ginecologia”, “obstetrícia”, “inteligência artificial”, “enfermagem obstétrica” e “inclusão em saúde”. A busca não foi limitada por idioma, mas priorizou publicações com data entre os anos de 2021 e 2024, a fim de garantir a atualidade da discussão.

Os critérios de inclusão adotados foram: (a) estudos publicados em periódicos científicos revisados por pares; (b) textos que abordassem direta ou indiretamente a temática da atenção ginecológica e obstétrica no contexto do sistema público de saúde; (c) artigos que discutissem a atuação de profissionais da saúde, especialmente enfermeiras, e/ou a implementação de tecnologias em saúde da mulher. Foram excluídos artigos duplicados, textos opinativos, resumos simples de eventos científicos e publicações que não tratassem de forma clara o tema proposto.

Após a aplicação dos critérios, foram selecionados e analisados dez artigos científicos, os quais foram lidos na íntegra e organizados em categorias temáticas, de forma a permitir a identificação dos eixos centrais da discussão: o papel da enfermagem na saúde da mulher, a necessidade de cuidado inclusivo e os desafios e potencialidades da incorporação de tecnologias no cuidado gineco-obstétrico. A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa e crítica, buscando-se compreender as contribuições e lacunas identificadas nos estudos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados revela que a saúde ginecológica e obstétrica no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) é atravessada por um processo contínuo de reconfiguração, que se manifesta tanto nos avanços institucionais e científicos quanto nos desafios ainda persistentes para garantir um cuidado integral, equitativo e humanizado às mulheres. Esses avanços e entraves podem ser agrupados em três grandes eixos analíticos: (1) o protagonismo crescente das enfermeiras na assistência gineco-obstétrica; (2) a demanda por cuidados inclusivos e culturalmente sensíveis; e (3) a emergência das tecnologias digitais, especialmente a inteligência artificial, como ferramentas disruptivas na saúde reprodutiva feminina.

O primeiro eixo diz respeito ao papel da enfermagem, que tem experimentado uma ampliação significativa de suas funções nos serviços ginecológicos e obstétricos do SUS. Conforme demonstrado por Daxenbichler (2023), a presença das enfermeiras na história da ginecologia e obstetrícia foi essencial para consolidar práticas médicas anteriormente consideradas tabu, como o exame ginecológico realizado por homens. No presente contexto, essa presença é reinterpretada sob a ótica da autonomia profissional, da humanização do cuidado e da aproximação com as usuárias. Tuli (2021) também destaca que a atuação das enfermeiras ultrapassa a função assistencial clássica, tornando-se estratégica para a educação

em saúde, o rastreamento precoce de doenças ginecológicas, o manejo de agravos comuns e o suporte emocional às mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal. No contexto do SUS, onde muitas regiões enfrentam carência de médicos especialistas, sobretudo nas áreas mais periféricas, a valorização da enfermagem é uma resposta necessária e eficaz para a manutenção da qualidade do cuidado.

No entanto, essa valorização ainda enfrenta entraves relacionados à formação, à sobrecarga de trabalho e à subvalorização institucional da enfermagem no sistema público. Para que essa expansão seja consolidada, é imprescindível o investimento contínuo em capacitação, valorização salarial e condições adequadas de trabalho, além do fortalecimento de diretrizes que reconheçam a centralidade da atuação das enfermeiras nas políticas públicas voltadas à saúde da mulher.

O segundo eixo problematiza a necessidade de um cuidado gineco-obstétrico que seja efetivamente inclusivo, sensível às diferenças e atento aos determinantes sociais da saúde. O estudo de Jones et al. (2022) é contundente ao evidenciar como as desigualdades de gênero, raça, classe e identidade de gênero estão intrinsecamente relacionadas aos desfechos obstétricos, inclusive à mortalidade materna. Tais desigualdades impactam diretamente o acesso, a permanência e a qualidade da atenção prestada às mulheres nos serviços públicos. Isso evidencia que o SUS, embora universal em sua concepção, ainda encontra dificuldades em operacionalizar práticas que acolham de maneira adequada populações historicamente marginalizadas, como mulheres trans, indígenas, negras e com deficiência.

Nesse sentido, o trabalho de Shrestha et al. (2022) traz à tona uma dimensão frequentemente negligenciada na literatura e nas políticas públicas: o cuidado ginecológico de mulheres com deficiência intelectual. O estudo aponta que essas mulheres são, em grande medida, invisibilizadas nos protocolos clínicos e enfrentam barreiras comunicacionais, atitudinais e estruturais. Estratégias como o uso de materiais didáticos visuais (animações, modelos anatômicos e imagens), a capacitação específica dos profissionais e a atuação interdisciplinar com psicólogos, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais são apontadas como caminhos para promover maior equidade e autonomia no processo de cuidado. A implementação dessas estratégias no SUS exigiria, além de vontade política, um compromisso ético com a justiça social, no sentido freiriano do termo, em que o acesso à saúde é compreendido como um direito humano fundamental e não como privilégio seletivo.

O terceiro e último eixo aborda a inovação tecnológica na saúde da mulher, com ênfase no papel da inteligência artificial (IA). De acordo com Brandão et al. (2024), a IA tem o potencial de transformar profundamente o campo da ginecologia, por meio de algoritmos

capazes de detectar patologias com maior acurácia, personalizar tratamentos e otimizar fluxos de atendimento. No contexto do SUS, isso poderia representar um avanço substancial na detecção precoce de câncer ginecológico, no acompanhamento de gestações de risco e na triagem de exames laboratoriais e de imagem. Contudo, os autores alertam para os desafios éticos, técnicos e políticos que envolvem a implementação da IA em um sistema público: desigualdade no acesso às tecnologias, risco de desumanização da relação profissional-paciente e necessidade de requalificação dos trabalhadores da saúde para lidar com esses novos recursos. Há ainda o risco de que a IA, se mal utilizada, reforce vieses discriminatórios presentes nos bancos de dados utilizados para treinar os algoritmos, comprometendo a equidade do cuidado.

Esses três eixos – protagonismo da enfermagem, cuidado inclusivo e inovação tecnológica – não se apresentam de maneira isolada, mas interconectam-se no cotidiano dos serviços de saúde. O enfrentamento das desigualdades sociais, estruturais e tecnológicas depende da articulação entre políticas públicas eficazes, formação crítica dos profissionais de saúde, financiamento adequado do SUS e fortalecimento dos mecanismos de controle social e participação popular.

Em suma, os estudos analisados evidenciam que, embora o SUS tenha avançado significativamente na consolidação de uma política de saúde da mulher, com destaque para a ampliação do acesso ao pré-natal, à atenção ao parto e aos métodos contraceptivos, os desafios permanecem intensos. Eles incluem desde barreiras estruturais, como escassez de profissionais e equipamentos, até questões de fundo mais complexas, como o racismo institucional, a misoginia médica e a deficiência de políticas inclusivas. O futuro do cuidado ginecológico e obstétrico no SUS, portanto, dependerá da capacidade do sistema em conciliar ciência, sensibilidade, tecnologia e justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos estudos selecionados revela que o cuidado ginecológico e obstétrico no Sistema Único de Saúde avança em direção à integralidade e à equidade, mas ainda enfrenta entraves significativos de ordem estrutural, social e tecnológica. O fortalecimento do papel da enfermagem tem se mostrado essencial para ampliar o acesso e qualificar a atenção prestada às mulheres, especialmente em regiões com déficit de médicos especialistas. Ao mesmo tempo, os serviços ainda precisam evoluir para incorporar práticas inclusivas que atendam às necessidades de mulheres com deficiência, populações vulneráveis e pessoas com identidade de gênero diversa.

Além disso, a incorporação da inteligência artificial na saúde da mulher desponta como uma possibilidade promissora de transformação dos cuidados, desde que acompanhada de políticas públicas que garantam o acesso equitativo à tecnologia, preservem a relação humana entre profissional e paciente, e respeitem os princípios éticos que regem a saúde pública.

Portanto, o futuro da saúde ginecológica e obstétrica no SUS dependerá não apenas de avanços científicos e tecnológicos, mas, sobretudo, do comprometimento contínuo com a justiça social, a humanização da atenção e o fortalecimento do sistema público de saúde como espaço de cuidado, acolhimento e cidadania para todas as mulheres.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Marta et al. Revolutionizing women's health: a comprehensive review of artificial intelligence advancements in gynecology. **Journal of Clinical Medicine**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 1-18, 2024.

BRUBAKER, L. et al. Promotion of gender equity in obstetrics and gynecology: principles and practices for academic leaders. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, [S. l.], v. 225, n. 6, p. 609-617, 2021.

DAXENBICHLER, Maria. The "oldest and the newest of nurses": nursing and the professionalization of obstetrics and gynecology. **Journal of the History of Medicine and Allied Sciences**, [S. l.], v. 78, n. 1, p. 1-23, 2023.

ISKANDAROVNA, Todjjeva Nigina. Review of the literature on recent research in the field of obstetrics and gynecology. **International Journal of Medical Sciences and Clinical Research**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 45-54, 2024.

JONES, G. L. et al. Understanding the relationship between social determinants of health and maternal mortality. **BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology**, [S. l.], v. 129, n. 5, p. 702-710, 2022.

PANDA, Ashish. Fostering herculean research. **Collective Journal of Cardiovascular Medicine**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 22-30, 2024.

SARRÍA-SANTAMERA, A. et al. Women's health and gynecology: old challenges and new insights. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1-12, 2022.

SHRESTHA, Prakriti Singh et al. Challenges in providing reproductive and gynecologic care to women with intellectual disabilities: a review of existing literature. **Journal of Family & Reproductive Health**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 245-253, 2022.

SPONG, C. The 2022 year in review. **Journal of Nuclear Medicine Technology**, [S. l.], v. 51, n. 1, p. 12-15, 2023.

TULI, H. Role of nurses in the management of common gynecological diseases: recent advances. **Journal of Clinical and Nursing Research**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 75-81, 2021.